



ariús
Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253 versão impressa – ISSN 2236-7101 versão online

**PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NA CIDADE DE
NOVA PALMEIRA-PB (1985-1995)**

**PRACTICES AND EXPERIENCES OF WOMEN IN THE CITY OF
NOVA PALMEIRA PB (1985-1995)**

Priscila Mayara Santos Dantas

Maria do Socorro Cipriano

Universidade Estadual da Paraíba

Resumo

Este trabalho tem por objetivo historicizar as práticas e experiências de mulheres na cidade de Nova Palmeira-PB, entre 1985 a 1995, intencionando apreender quais transformações surgiram ao longo dessa atuação e quais espaços de poder foram sendo construídos durante esse período, uma vez que nos deparamos, dentro do recorte temporal estabelecido, com o surgimento de um movimento sindical direto, com a formação do Partido dos Trabalhadores (PT) e com a fundação do Centro de Educação Popular – CENEP (organização não governamental), enquanto espaços direcionados por elas. O mapeamento das práticas femininas por meio de documentos e entrevistas realizadas permitiu tecermos uma história ainda não contada pela historiografia. Além da revisão bibliográfica sobre o tema, tivemos as contribuições de análise metodológica sobre o cotidiano, tecidas por Michel de Certeau, além de reflexões sobre os conceitos de experiência e consciência de classe de Edward Thompson.

Palavras-chave: Movimentos Sociais. Mulheres. Práticas.

Abstract

This paper aims at historicizing the practices and experiences of women in the city of Nova Palmeira PB, between 1985 to 1995, intending to seize what transformations emerged over this action and which spaces of power were built during this period, since we found within the time frame establishment, the appearance of a direct trade union movement, with the formation of the Workers Party (PT) and the foundation of the Center for Popular Education - CENEP (NGO), while targeted spaces by them. The mapping of female practices through documents and interviews provided the construction of an untold story in the historiography. Besides the literature review on the subject, this study has provided methodological analysis of contributions on everyday life, advocated by Michel de Certeau, as well as reflections on the concepts of experience and class consciousness of Edward Thompson.

Keywords: Social movements. Women. Practices.



Imagem 1 - Retrato do "Encontro de Mulher", ocorrido no Centro de Educação Popular (CENEP), com o apoio da Estadual de 1º Grau Antônio Coelho Dantas, na cidade de Nova Palmeira-PB, em 10 de março de 1991. (FONTE: Acervo fotográfico do CENEP)

A fotografia¹ acima bem poderia representar um mero momento de lazer e de descontração vivenciado por um grupo de mulheres qualquer, em algumas de suas muitas corriqueiras atividades de lazer e/ou datas comemorativas escolares. Mas, do que nos fala esse olhar da mulher que toca o seu instrumento? Quem é ela? Quem são elas? Que histórias se entrelaçam nesta imagem?

Se não fosse pelo cartaz ao fundo, no qual aparece o slogan "Mulher, te organiza e vai à luta", talvez essa fotografia não tivesse nenhuma importância para a História, posto que não se trata de grandes líderes feminista no cenário nacional; a fotografia também poderia não ter nenhuma importância para esta aprendiz de historiadora, se não trouxesse à cena um fragmento de *outras histórias*, que tratam de iniciativas e ações aguerridas de um grupo de mulheres que vivenciaram experiências singulares numa pequena cidade do interior da Paraíba e que não se conformando com suas precárias condições sociais, de suas famílias e de suas comunidades se lançaram pelos áridos caminhos da política.

É como um olhar mais curioso e entendendo que esta imagem apenas captura o instante, o fragmento congelado de uma história que ainda está por ser contada, que tento pensar sobre este e outros registros analisados², neste trabalho. Registros que se tornam emblemáticos no sentido de demarcar intenções de "luta", de "organização" e de "ação" por parte das mulheres envolvidas; são registros vistos aqui como reveladores um enredo oculto, à espera de um olhar em forma de

¹ Segundo Eduardo Paiva (2006), a fonte iconográfica contribui no sentido de melhorar nossa compreensão sobre o objeto estudado. São imagens construídas e por isso podem ser manipuladas, mas associadas a outros registros de um determinado momento nos servem de certidões visuais. São plenas de representações do vivido no tempo e no espaço. Ao utilizarmos esta fonte, precisamos reinterpretá-la, criticá-la sem tomá-la como verdade, pois é lacunar, silenciosa e impregnada de intencionalidades.

² Além das fotografias, analisamos produções artísticas como músicas, poemas, paródias, versos escritas por mulheres, bem como relatórios de atividades, de encontros, de reuniões e palestras, abaixo-assinados, cartilhas, peças de teatro, documentos de fundação, correspondências, ofícios do Centro de Educação Popular (CENEP), atas, livro de registros, fichas de filiação do STR, documentos do Partido dos Trabalhadores (fichas de filiação, ata de fundação, ofícios), bem como documentos pessoais, tais como anotações, poesias, livros. Esse conjunto de material somado as entrevistas (fonte oral) realizadas, constituem nossos objetos de verificação.

problemática histórica, pronto para ser investigado e tornado público, alargando e se agregando a uma historiografia ainda frágil de narrativas peculiares e de sujeitos (in)comuns.

A mulher que toca é a funcionária pública Fátima de Lé (como era conhecida), apenas uma das muitas participantes que fazem parte das atividades comemorativas do *Dia da mulher*, apoiados pelo Centro de Educação Popular – CENEP, em 1991³. Era a partir de eventos como estes que esta ONG estabelecia relações de proximidade com a comunidade, estrategicamente tratava de questões mais amplas ligadas à condição feminina na cidade e em suas comunidades. Desta forma, outras indagações podem ser apontada aqui: como as reivindicações de um pequeno grupo de mulheres acabaram por possibilitar as lutas por questões políticas mais amplas na cidade de Nona Palmeira? E, como foi possível, entre 1985 a 1995, um entrelaçamento de suas histórias com as da formação do Partido dos Trabalhadores (PT) e a fundação de uma expressiva ONG (Centro de Educação Popular – CENEP), que veio possibilitar a criação de espaços de poder, especialmente, voltados para as questões do âmbito feminino?

A historiografia paraibana sobre movimentos sociais que inscrevem as mulheres como protagonistas estão, ainda, permeadas por enredos particulares, análises e discursos individualizados centrados em figuras como Elisabeth Teixeira, Margarida Maria Alves, Maria da Penha Silva. Apesar da importância dessas histórias, no sentido de apontar para um enorme avanço na historiografia⁴ acerca da participação feminina no cenário paraibano e nacional, ainda percebe-se uma

³ As informações foram extraídas do Relatório de Atividades do CENEP (Nova Palmeira-PB, 10 de março de 1991), bem como das poesias e cantos produzidos para o evento.

⁴ “Medo da morte: esperança de vida: A história das Ligas Camponesas a Paraíba”, dissertação de Maria do Socorro Rangel (2000), sobre as Ligas Camponesas na Paraíba, trazendo enquanto sujeitos de análise a participação de Elisabeth Texeira e Margarida Maria Alves nos movimentos. A tese de Ana Paula Romão, “Paraíba, mulher-macho: (dessa) fios da história (Paraíba, século XX)”, (2010), sobre a construção da imagem feminina paraíba, que nos proporcionando refletir sobre os espaços e discursos tecidos sobre a mulher no Estado paraibano.

carência de narrativas comuns, de práticas peculiares e mobilizações de cunho esquerdistas que se estenderam a outros territórios na Paraíba.

Dialogando com as discussões já promovidas em torno da temática na Paraíba, nosso trabalho visa apreender as experiências e práticas de mulheres na cidade de Nova Palmeira, entre 1985 a 1995, intencionando compreender quais mudanças se gestaram ao longo dessa atuação e quais espaços de poder foram se “edificando” nesse percurso, uma vez que nos deparamos com o CENEP (Centro de Educação Popular), uma entidade sem fins lucrativos, tomado como lugar de reunião de ideais e lutas protagonizadas por mulheres.

Perseguindo caminhos possíveis, nota-se que no Brasil, os *movimentos sociais contemporâneos* têm sua história marcada pelos grandes embates realizados contra os governos autoritários, sobretudo ainda nas lutas pela liberdade e democracia. Nos anos 90 se constatou o não diálogo do governo com os movimentos sociais tendo em vista sua ligação elitista com as políticas internacionais capitalistas. O país estava no ápice do neoliberalismo, berço das reivindicações do governo FHC, onde o sucateamento do aparelho estatal era algo real e efetivo, na qual o desrespeito a todos os trabalhadores brasileiros, entre eles mulheres e homens, desvelava a corrupção e fragilidade do sistema democrático vivido (GOHN, 2012).

Na Paraíba, durante as primeiras décadas do século XX, os movimentos sociais eram frágeis, ligados tanto ao Estado quanto a Igreja Católica. A industrialização era muito pouca. Éramos um Estado atrasado economicamente e na política continuávamos oligárquicos e autoritários, com práticas assistencialistas e clientelistas para o controle eleitoral. Porém, mesmo diante desse rígido controle sobre os trabalhadores do campo e outros grupos sociais, existiram muitas reações (NUNES, 2008).

Trabalhos como o de Maria do Socorro Rangel (2000) sobre a história das Ligas Camponesas na Paraíba ocorridas no território do Brejo paraibano, reportando as tramas e lutas que lá se teceram em benefícios dos camponeses; as discussões

promovidas por Eltern Campina Vale (2008) em sua dissertação sobre movimento operário na cidade de Rio Tinto, cidade localizada na região metropolitana de João Pessoa, capital do Estado; as análises tecidas por Paulo Giovani Nunes (2003), em seu trabalho de doutoramento, sobre a construção e trajetória política do PT na Paraíba; somam enquanto contribuições teóricas, metodológicas e informativas não apenas voltada aos territórios em específico, mas trazendo aparatos mais gerais, contextualizando a temática a nível nacional e de mundo.

Em consonância a essa revisão literária, analisamos as atas de eleição, relatórios de encontro, pautas de reuniões do STR (Sindicato dos Trabalhadores Rurais) do município, vislumbrando apreender as ações e participação das mulheres nos programas que envolviam o órgão; Atas de eleição, relatórios de assembleias, pautas de sessões semanais da Câmara Municipal, com vista a mapear datas e informações eleitorais na qual mulheres concorreram a cargos públicos, bem como a atuação das mesmas na esfera política; Ofícios, fotografias, registros de oficinas, cursos e palestras, atas de reunião, de fundação e de reconhecimento, panfletos do Centro de Educação Popular (CENEP), buscando tear um limiar de informações e práticas femininas a partir dos movimentos proporcionados pela ONG, demarcando registros de ações de mulheres antes e depois de sua fundação⁵; Listas de filiação, atas de reunião e de fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) na cidade, atentando para os desdobramentos tecidos para que fosse possível a viabilidade da fundação do partido na cidade, tendo em vista serem as mulheres pioneira desse movimento.

Enquanto referencial teórico e metodológico Michel de Certeau, através de sua dimensão cultural de análise sobre o cotidiano, nos permitiu visualizar sujeitos

⁵ O mapeamento e compreensão da operacionalização do Centro de Educação Popular nos permite listar uma série de singularidades de mulheres com anseios diferentes, com sensibilidades diversificadas, uma vez que se vê na tessitura do cotidiano da ONG uma variedade de atividades voltadas para o bem estar da comunidade carente.

comuns que fizeram de suas práticas cotidianas, *espaços* e *lugares*⁶ de sobrevivência, ora rompendo com as ordens estabelecidas, ora aproveitando oportunidades para burlar os papéis a eles destinados.

Edward Thompson, a partir de sua percepção sobre mulheres e homens comuns, compreendidos a partir dos conceitos de *experiência* e *consciência de classe*, também nos possibilitou visualizar atuações e discursos que se fizeram mudanças na cidade de Nova Palmeira, à medida que a reunião de ideias e percepções de mundo ia se aglutinando, se constituindo em um ideal de sociedade comum entre todos aqueles que participaram dos movimentos sociais.

Uma ONG, um movimento e um partido

Ao longo da década de 80 os grupos pastorais se encarregaram de politizar através da Teologia da Libertação e de seus agentes. Os jovens e mulheres que participavam das organizações eclesiais, a exemplo da própria CEBs (Comunidades Eclesiais de Base)⁷, que surgiu em Nova Palmeira, em meados dos anos 80, fortalecendo ideais de mudança, que influenciaram de forma efetiva na costura de disputas políticas. De acordo com Machado (1997), a Igreja Católica foi fundamental para a configuração do confronto que se travou entre os setores sociais e as instituições de poder local, a exemplo da Prefeitura, da Câmara de Vereadores e seus partidos de sustentação, inclusive do próprio Sindicato Rural, este que estava sobre

⁶ A ideia de *lugar* para Michel de Certeau seria a configuração instantânea de posições e relações de um ser próprio e estável, suscetível a mutações colocadas pelo tempo, ao passo que *espaço* é visto como concentração de operações nas quais as coisas acontecem, ou seja, o lugar onde a prática se organiza (CERTEAU, 2008).

⁷ Segundo Jomar Ricardo (2010), pesquisador das CEBs, em especial na Paraíba, da qual resultou na sua tese de doutoramento intitulada *A Igreja da pós-modernidade: CEBs, poder e cidadania*, as Comunidades Eclesiais de Base surgem em um contexto de oposição da Igreja aos poderes públicos, em meados do século XX, a partir de organizações de base, atreladas aos interesses da sociedade civil, estimulando a participação da população nos espaços de poder da sociedade. Formada por uma estrutura descentralizada e heterogênea, possui tanto membros políticos quanto religiosos, direcionados pelos chamados animadores e agentes pastorais.

poder do estado até final dos anos 80, através de discussões sobre fome, desemprego, saúde, cidadania. Ainda segundo o autor:

Em Nova Palmeira, especificamente, desde meados dos anos 80, esse posicionamento teve influência decisiva na dinâmica de parcialidade assumida pela Igreja Católica nos processos de disputa do poder local, na medida em que, como aliada incondicional de determinados grupos de oposição, abriu suas portas para organização e o fortalecimento público desses diversos setores sociais. (1997, p. 77)

A Igreja atrelada a uma formação política dos fies mais participativos, em maioria mulheres, se colocando como emblemática na constituição de uma mentalidade de mudanças que se reorganizaram enquanto atos reais, ou seja, na organização de mobilizações sociais que implicaram em transformações não só no espaço nova palmeirense mais também na atmosfera de outras cidades, a exemplo de Cubatí, Soledade, Picuí.

Os documentos analisados nos levam a pensar que em meados dos anos 80, as mulheres, e em especial Mocinha, já exerciam uma atividade política, no sentido de questionar, de interferir na comunidade. O Resultado disso foi à vitória da sua chapa no STR de Nova Palmira, 06 de setembro de 1989, onde se efetivou toda a mobilização existente desde meados dos anos 80 em um só movimento: a luta pela sindicalização feminina.

A partir de então, demarca-se um movimento específico de mulheres. Embora com apoios de figuras masculinas, a exemplo do esposo da entrevista, José Barbosa, e de alguns "companheiros rurais", foram elas que encabeçaram e deram roupagem a luta⁸.

⁸ Segundo Glória Rabay e Maria Eulalia Carvalho (2010), a princípio não há registros na Paraíba sobre lutas sociais vinculadas ao acesso à educação, como aconteceu por outras regiões do país, mas movimentos pelo direito ao voto no começo do século XX, algo já difundido pelo Brasil.

O movimento de oposição à diretoria do STR em Nova Palmeira, este que não aceitava a extensão de benefícios às mulheres associadas, enfrentou fortes resistências dos líderes políticos hegemonicamente masculinos, estes que estavam ligados de forma direta ao presidente do Sindicato na época, órgão, ainda, tutelado pelo Estado. O movimento durou alguns meses e em 05 de março de 1989 a Mocinha conseguiu fazer sua ficha de associada, com o n.º de 1007 no Livro de Registro.

O movimento pela sindicalização feminina no STR, iniciado em 1989, transformou não só a estrutura política que havia dentro do sindicato, dirigido por um só presidente até então, como contribuiu para efetivar uma consciência de classe que ainda estava em fase de concretude, tendo em vista não haver registros de outro confronto direto com alguma instituição de poder na cidade. Esse movimento também foi importante, pois acionou uma outra forma de luta, dessa vez institucionalizada e oficial.

Depois de muitos debates, encontros e reuniões que marcaram a década de 80, a ideia de formar um partido político ganha esboço. No Brasil já vivenciava a atuação de partidos esquerdistas e seus resultados na transformação das condições de trabalho tanto do homem rural quanto do urbano. O PT foi emblemático nesse sentido, por surgir como um partido de trabalhadores e por se encaixar nas propostas e ideologias discutidas nos grupos educativos, religiosos e sindicais nova palmeirenses. O partido surge pelo desejo de institucionalizar as práticas e legitimá-las a partir de um lugar de poder, o político.⁹

Agora as lutas sociais tinham outro lugar de exercício, outras possibilidades e preocupações. À medida que construíam pilares e expandiam suas expectativas, fortaleciam os sentimentos de unidade, força e coletividade de um grupo oficial de esquerda, liderado por mulheres. O registro dessa maioria pode ser percebido nas

⁹ Segundo Paulo Nunes (2003), a formação de PT no interior da Paraíba foi complexa, pois enfrentou muitas dificuldades, a exemplo da má impressão que os políticos locais criavam sobre o comunismo, das repressões cometidas pelos mesmos para intimidar a organização de partidos de esquerda, e por, alguns partidários petistas.

listas de filiados do PT, onde a cada ano novos membros aderiam, mais sempre o número maior de assinaturas eram do sexo feminino como podemos verificar na tabela abaixo¹⁰:

Tabela I – Tabela demonstrativa com base nos dados colhidos das fichas de filiação do arquivo documental do Partido dos Trabalhadores (PT).

Ano	Mulheres	Homens	Total de filiados
1991	26	13	39
1992	31	17	48
1993	26	11	37

Notamos de forma clara a maior adesão feminina, e uma oscilação de filiação masculina, ao longo dos três primeiros anos de fundação do partido na cidade, demarcando um território de atuações onde elas sempre estiveram lá, ativas, participando e perseguindo espaços de luta. A própria formação da primeira diretoria do partido tem como núcleo hegemônico as mulheres. De 11 membros, apenas 3 são homens.

Através do PT, e principalmente depois que Nega Lourdes se elegeu como vereadora pelo partido, em 1992, se viu a configuração de outras manifestações na cidade, desta vez através de diferentes mecanismos de luta¹¹, a exemplo dos abaixo-assinados, bastante corriqueiros no ano de 1995, em decorrência da falta de luz elétrica em algumas ruas e sítios da cidade.

Por ser um partido de esquerda, fundado no Brasil em 1980, quando a ditadura já mostrava nítida decadência, e por possuir em seu interior tendências das mais extremas oposições, como partidários da ALN, do PCB, líderes e grupos

¹⁰ A tabela demonstrativa foi criada a partir das listas oficiais de filiados do PT em Nova Palmeira desde o ano de sua fundação até 1993, os únicos registros com datas.

¹¹ Segundo Gohn (2012), as teorias e concepções sobre "luta de classe", "revolução", "ideologia", surgiram na intenção de promover ações que resultassem em mudanças promovidas por uma classe trabalhadora conscientizada do seu papel e dos seus direitos na configuração dos espaços sociais, tendo em vista serem provenientes de um sistema de produção.

sindicalistas, fieis cristãos da ala esquerdista da Igreja católica, foi alvo de duras repressões e preconceitos pelos direitistas e por grande parte da população nacional. O PT na Paraíba, fundado no período de redemocratização do país, também carregava o caráter plural de tendências em suas estruturas, recebendo enxurradas de críticas e preconceitos (NUNES, 2013).

No Estado, o caso do PT em Nova Palmeira foi peculiar. Uma cidade onde práticas patriarcais e machistas eram bastante visualizadas, a exemplo do poder público ser majoritariamente masculino, se viu a formação de um partido de esquerda como o PT se fundar por direcionamentos femininos, composto em sua maioria por mulheres que procuraram estar sempre à frente das ações e efetivar mudanças através do mesmo. Entretanto, o partido não ficou ileso de receber reações negativas por parte da população. Os filiados, e principalmente as mulheres, eram conhecidos como comunistas, arruaceiros, radicais, demarcando, ainda, registros característicos de uma herança ditatorial. O exemplo mais emblemático dessas práticas repressivas foram às cartas anônimas¹² destinadas as líderes partidárias contendo ameaças de morte.

O Partido dos Trabalhadores atrelado às *práticas cotidianas* femininas estimuladas a partir de outros lugares na sociedade, a exemplo do CENEP, em consonância a uma *consciência* de organização e unidade que as mulheres passaram a adquirir ao longo do tempo, se percebendo enquanto *classe*, esta vista pela ótica de Thompson, possibilitou que elas não poupassem esforços para adentrar aos espaços públicos e se empoderar dos seus direitos enquanto cidadã e trabalhadora.

Além das práticas acionadas a partir do Clube 4-S, das organizações religiosas, do movimento de formação sindical que resultou na luta pela sindicalização feminina no STR, da fundação do PT e sua emergência na Câmara, as ações e atuações de mulheres não pararam por aqui e o Centro de educação Popular – CENEP, se

¹² Das várias cartas recebidas, só tivemos acesso a uma dela, direcionada a Nega Lourdes, em 02 de agosto de 1996, pois as outras precisaram ser queimadas por medo de continuarem sendo reprimidas.

encarrega de mostrar isso. Uma ONG resultante de todas as experiências acometidas ao longo dos anos e que se mantem viva até hoje continuando a de(marcar) espaços, re(fazer) lutas e a im(plantar) novos destinos.

O centro foi fundado no dia 21 de janeiro de 1990, em reunião no Salão Paroquial da cidade, como consta na Ata de Fundação do mesmo, no qual traz o nome de Nega Lourdes como diretora, Marizinha enquanto secretária e Edson Camargo como tesoureiro da entidade, formando a diretoria que encaminharia as atividades já desenvolvidas pelos grupos comunitários¹³. Segundo o documento, o objetivo pioneiro da entidade era o de continuar "conscientização e organizando a classe trabalhadora" na luta por melhorias na qualidade de vida.

Enquanto utilidade pública o CENEP só veio a ser reconhecido pela Câmara Municipal em 14 de novembro de 1992, pelo projeto de Lei Nº 13/92, dois anos depois de sua fundação, e em 6 de dezembro do referido ano, pela Prefeitura, informações que nos leva a pensar que havia uma resistência por parte dos líderes políticos em aceitar a atuação do centro na comunidade, uma vez que este – o centro – foi resultado dos inúmeros combates sociais que lá incidiram e tiveram repercussões contrárias as dos dirigentes administrativos, demarcando mais uma vez a existência de campos rivais que persistem em se digladiarem ao logo da década de 90.

Como analisamos anteriormente, os trabalhos com grupos comunitários já existiam desde os anos 70 na cidade. *Práticas*, e entre elas estavam atividades com artesanato, música, teatro popular, teatro de mamulengos, formação sindical, passam a ser "calçadas" a partir de uma sede, ou seja, de um espaço físico, fortalecendo um ideal de unidade fixa, acomodando em pilares todas as insatisfações, desejos e

¹³ A fundação do CENEP foi resultado da reunião de práticas já desenvolvidas pelas equipes comunitárias e pela formação de um movimento de oposição sindical na cidade. Trabalhos e mobilizações que emergiram frente às carências sociais do município de Nova Palmeira, onde tem como protagonistas as mulheres.

sentimentos de pessoas que insistiam em continuar mudando o cenário social, político e econômico de Nova Palmeira.

O centro surge não só como uma espécie de “guarda-chuva” das atividades já desempenhadas pelos grupos de base, mas também como mecanismo para institucionalizar as insatisfações sociais e criar um lugar de poder para reivindicar melhorias para a população. O CENEP “edifica” o que ainda estava sem sustentação, uma vez que, a Igreja, com o passar do tempo, foi se desvinculando dos trabalhos à medida que seus interesses e posicionamentos divergiam com os listados pelas lideranças comunitárias, estas que também passaram a se organizar a partir de outros lugares de ação, enfatizando interesses políticos acima dos religiosos. Dessa forma, viu-se a necessidade de ambientizaras práticas em outro espaço, por vez autônomo, alheio a situações de inconstâncias também políticas, sociais e econômicas.

Através de ofícios coletados do acervo documental do CENEP, percebemos que o centro teve contribuições de algumas entidades estrangeiras, a exemplo da *Ação Ecumênica de Solidariedade com a América Latina*, com sede na Holanda, destinada a contribuir com as carências sociais no continente latino-americano, da *Memisa Medicus Mundi*, com sede em Rotterdam, também na Holanda, durante a década de 90, da *SolidaritatmitBrasilien*, com sede em Campo Limpo-SP, do *KAP Progame (Programa de Pequenos Projetos da Embaixada)*, instituição da Embaixada do Reino dos Países Baixos, com sede em Brasília e da *APIBiMIONlus*¹⁴, uma associação italiana que investe no cuidado educacional de crianças carentes.

A partir dos referidos órgãos financiadores, as atividades desenvolvidas pela CENEP voltavam-se para práticas sociais assistencialistas, dirigindo-se tanto para a população urbana quanto para a rural. Na educação, contribuía, através de reforços escolares para as crianças carentes; também visavam preparar profissionalmente

¹⁴ Esta instituição contribui com o CENEP desde 1993 até os dias atuais no projeto voltado a educação de crianças da zona rural e da zona urbana.

jovens e adultos através de cursos de corte e costura, cursos de culinária (produção de doce para as mulheres), vislumbrando ajudar economicamente na renda familiar; na saúde, realizando palestras e seminários sobre assistência à saúde e sobre o Sistema único de Saúde (SUS).

Dessa forma e com as discussões tecidas acerca das experiências e práticas de mulheres na cidade de Nova Palmeira, verificamos que em meio a um universo de poder hegemonicamente masculino, elas, se organizaram em grupos, partido político e instituições, e protagonizaram movimentos que implicaram em mudanças, fazendo parte de um cenário de transformações que passava a cidade entre as décadas de 80 e 90.

Por fim, mesmo que este trabalho ainda tenha deixado muitas lacunas – lacunas também deixadas por fontes ainda não visitadas, falas que continuam no silêncio – espero que esta análise venha contribuir historiograficamente com o tema das relações de gênero ou, pelo menos, conceda visibilidade para algumas das histórias narradas e personagens femininas ainda pouco conhecidas. Aqui não se constitui enquanto fim, mas um começo de uma longa jornada de pesquisa sobre a participação feminina na transformação social e política não só de Nova Palmeira, mas também pelo território paraibano.

Referências

AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. *Construindo o Sindicalismo Rural: lutas, partidos, projetos*. – 2. ed. – Recife : ed. Universitária da UFPE, 2012.

ALMEIDA, Cosma Ribeiro. *A participação do feminino na política paraibana: mudanças culturais no interior do nordeste brasileiro*. Salvador-BA, 07 a 10 de agosto de 2011.

ABATH, R. J. *Os grupos de mulheres no Estado da Paraíba na conjuntura de novos espaços: um estudo de caso*. Trabalho apresentado no Primeiro Encontro da Rede de Pesquisas sobre o Terceiro Setor da América Latina e Caribe do ISER. Rio de Janeiro, 22 a 24 de abril de 1998.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. – 15. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

CRUZ, Maria Isabel da. *A mulher na igreja e na política*. – 1 ed. – São Paulo : Outras Expressões, 2011.

DABAT, Christine. ABREU E LIMA, Maria do Socorro (Orgs.). *O mundo dos trabalhadores e seus arquivos – Nordeste*. Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2013. Viii, 243 p. – (Série Extensão).

DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres: As vozes do silêncio*. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Orgs.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 220.

FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. *A trajetória político-educativa de Margarida Maria Alves: entre o velho e o novo sindicalismo rural* – Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Joao Pessoa, 2010.

GOHN, Maria da Glória. *História dos Movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros* – 7. ed. – São Paulo : Edições Loyola, 2012.

MACHADO, Charliton José dos Santos. *A política de cara nova (?): estudo acerca da atuação política das mulheres em Nova Palmeira-PB* – Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1997.

MAGALHÃES, C.M e OLIVEIRA, M.L.L. Paraíba: para onde o feminismo leva as mulheres? *Cadernos Feministas de Economia & Política: Feminismo no Nordeste*. Recife: Casa da Mulher do Nordeste, n. 3, 2006, p. 52-79.

NUNES, Paulo Giovani Antonino. *O Partido dos Trabalhadores e a política na Paraíba: construção e trajetória do partido no Estado (1980/2000)* – Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

OLIVEIRA, Maria Lúcia Lopes de. *Transformação das desigualdades de gênero? Narrativas da vida cotidiana e empoderamento de mulheres de assentamentos do cariri paraibano*. – Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

PAIVA, Eduardo França. Introdução: renovação na historiografia e na sala de aula. In: _____ . *História & imagem* – 2 ed., 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006 (p. 11-34).

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINTO, Céli. MORITZ, Maria Freitas. *A tímida presença da mulher na política brasileira: eleições municipais em Porto Alegre (2008)*. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 2. Brasília, julho-dezembro de 2009 (pp. 61-87).

RABAY, Glória; CARVALHO, M. E. Pessoa de (Orgs.). *Mulher e Política na Paraíba: história de vida e luta*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

RANGEL, Maria do Socorro. *Medo da Morte; Esperança de Vida: a história das Ligas Camponesas na Paraíba* – Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SILVA, Alômia Abrantes da Silva. *Paraíba, mulher-macho: tessituras de gênero, (dessa) fios da história (Paraíba, século XX)* – Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SILVA, Jomar Ricardo da. *A igreja na pós-modernidade: CEBs, poder e cidadania*. – João Pessoa : Editora Universitária da UFPB, 2010.

SILVA, Lucimeiry Batista da. SILVA, Walmir Rufino da. *Abordagens Feministas em Estudos Organizacionais e o Movimento de Mulheres na Paraíba*. Florianópolis / SC. 25 a 23 de maio de 2010.

SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In: BURKE, Peter. (Org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992 (p. 75).

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa: 1 : a árvore da liberdade.* – Tradução de Denise Bottmann. – 6. Ed. – São Paulo : Paz e Terra, 2011.

_____. *Costumes em Comum* – Revisão técnica Antonio Negro, Cristina Menegello, Paulo Fontes. – São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

VALE, Eltern Campina. *Tecendo fios, fazendo história: a atuação Operária na Cidade-Fábrica Rio Tinto (Paraíba, 1959-1964)* – Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

Autoras

Priscila Mayara Santos Dantas

Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

E-mail: pri_msd@hotmail.com.

Maria do Socorro Cipriano

Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Professora do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba UEPB

E-mail: maria.cipriano@bol.com.br

Recebido em maio de 2014.

Aprovado em junho de 2014.